

Currículo como tecnologia de formação na diversidade: reflexões e experiências

Curriculum as a Technology for Training in Diversity: reflections and experiences

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos¹

Leiliane Felício da Silveira²

Lucineide Santos Vieira³

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão crítica sobre o currículo como tecnologia de formação na diversidade, correlacionando as discussões e abordagens teóricas a partir de uma pesquisa qualitativa aliada à escuta de relatos de experiências de educadores. Além disso, busca mostrar a relevância do resgate da identidade, valorização da inclusão e respeito às diferenças. Os relatos trazem contextos educacionais diferentes e retratam em suas práticas a vivência do currículo como tecnologia de formação na diversidade. Para tanto, tem como objetivos específicos: pensar sobre os reflexos das tecnologias no currículo e no processo formativo; compartilhar relatos de experiências envolvendo o uso das tecnologias; refletir sobre o currículo e seus desafios, e mencionar sobre leis que asseguram os direitos à diversidade.

Palavras-chave: Currículo e Diversidade. Currículo e Tecnologia. Formação na Diversidade. Tecnologia na formação.

Abstract: This article aims to present a critical reflection on the curriculum as a technology for training in diversity, correlating discussions and theoretical approaches based on qualitative research combined with listening to reports of educators' experiences. In addition, it seeks to show the relevance of recovering identity, valuing inclusion and respecting differences. The reports bring different educational contexts and portray in their practices the experience of the curriculum as a technology for training in diversity. To this end, it has the following specific objectives: to think about the impact of technologies on the curriculum and the training process; to share reports of experiences involving the use of technologies; to reflect on the curriculum and its challenges, and to mention laws that ensure the rights to diversity.

Keywords: Curriculum and Diversity. Curriculum and Technology. Training in Diversity. Technology in training.

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Metropolitana de Camaçari - FAMEC. Coordenadora Pedagógica da Rede de Ensino da Secretaria de Educação de Camaçari. *ORCID:* [0009-0001-8867-4979](https://orcid.org/0009-0001-8867-4979) - *E-mail:* aliceoliveirapro39@gmail.com.

² Graduada em Educação Física pela Faculdade Social da Bahia - FSBA. Professora da Rede de Ensino da Secretaria de Educação de Salvador. *ORCID:* [0009-0004-5145-8270](https://orcid.org/0009-0004-5145-8270) - *E-mail:* leilianesilveira7@gmail.com.

³ Mestra em Educação e Contemporaneidade. Universidade Estadual da Bahia - UNEB. Professora da Rede de Ensino do Estado da Bahia. *ORCID:* [0000-0001-9335-3355](https://orcid.org/0000-0001-9335-3355) - *E-mail:* mestradolucineide@gmail.com.



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

Introdução

Este artigo tem o objetivo de apresentar uma reflexão inicial acerca do Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade. Pensar o currículo no atual contexto educacional, com os avanços tecnológicos do século XXI e as transformações provocadas por essa revolução digital, torna-se um grande desafio, pois o mesmo necessita atender às novas demandas dessa sociedade; assegurar o que determina as leis vigentes; vivenciar práticas que incentive o respeito à diversidade e a identidade; favorecer a (auto)formação dos sujeitos, a fim de que possam atuar criticamente, protagonizar e contribuir para a transformação social.

Diante da complexidade que envolve a relação da tecnologia e a educação fica difícil “[...] estabelecer fronteiras objetivas entre a vida em sociedade no plano físico, material e atual e as interações no plano digital; vivemos transitando entre o plano físico e o digital, que se interpenetram, interconectam e intercondicionam” (Sales, 2018, p. 85).

Para tanto, busca-se correlacionar as discussões teóricas a serem referenciadas por meio da escuta de relatos de experiências de educadores em suas práticas exitosas, envolvendo essa temática. Além disso, almeja-se mostrar nas vivências e reflexões pedagógicas, a relevância do debate e o resgate da identidade e da valorização da inclusão e respeito às diferenças. Os relatos retratam contextos educacionais diferentes e que trazem em suas práticas experiências de currículos como tecnologia de formação na diversidade.

O Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade representa o objeto de pesquisa tratado neste artigo, que fomenta como objetivos específicos: pensar sobre os reflexos das tecnologias no currículo e no processo formativo; compartilhar relatos de experiências envolvendo o uso das tecnologias; refletir sobre o currículo, sua amplitude e desafios; fazer menção de leis que asseguram os direitos à diversidade e que precisam ser vivenciadas no currículo e na sociedade como um todo.

Para tanto, reporta-se como fundamentos os pressupostos teóricos trazidos por Sacristán (2000; 2013); Freire (2024); Silva (2024); Scherer & Brito (2020); Gomes (2007), entre outros autores. Além disso, traz como referência a Lei de Diretrizes e Bases



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

da Educação (LDB) 9394/96, a Lei 10.639/03, a Lei 11.645/08 (Brasil, 2002) e outras legislações, assim como alguns dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), considerando os aspectos por cor e raça.

Dessa forma, inicialmente, pretende-se trazer a reflexão sobre: o currículo; o que as leis asseguram sobre o direito à diversidade; como os dados do Censo 2022 refletem sobre a diversidade e reverbera no currículo; como as tecnologias influenciam no currículo, seus avanços e desafios nas práticas escolares; além de trazer algumas reflexões sobre a relevância da educação antirracista no currículo, entre outros aspectos. Por fim, serão compartilhados relatos de experiências, ressaltando o uso das tecnologias na formação e na diversidade para exemplificar as discussões teóricas a serem tratadas nesse documento.

Reflexão sobre o Currículo

Esse texto traz como reflexão a compreensão abordada por Sacristán (2013, p. 20) sobre o currículo como “[...] uma invenção reguladora do conteúdo e das práticas envolvidas nos processos de ensino e aprendizagem; [...]”. Segundo Sacristán (2013, p. 23), é importante entender que, esse currículo “[...] não é algo neutro, universal e imóvel [...]”, portanto, há necessidade de pensar sobre “[...] A serviço do que ou de quem está esse poder regulador, e como ele nos afeta? [...]”, pois, isso tudo reflete no contexto educacional.

Desde um enfoque processual ou prático, o currículo é um objeto que se constroi no processo de configuração, implantação, concretização e expressão de determinadas práticas pedagógicas e em sua própria avaliação como resultado das diversas intervenções que nele se operam [...] (Sacristán, 2000, p. 101).

Pensar o currículo provoca a reflexão sobre: como esse currículo foi compreendido ao longo dos séculos e como reverberam nas práticas educacionais atuais? Lamentavelmente, ainda se verifica a ênfase em uma visão burocrática, padronizada, hierárquica, focada na memorização, transmissão do conteúdo e centralizada no professor, sem validar a capacidade e autonomia dos educandos, e desconsidera o contexto que estão inseridos. Evidencia-se o predomínio de uma



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

concepção tradicional, embora às vezes camuflada em um discurso de ser inclusivo, revelando um distanciamento entre a teoria e a prática.

No entanto, existem concepções que buscam desconstruir essa visão tradicional do currículo, como as teorias Críticas e Pós Críticas. O currículo na perspectiva das teorias críticas provoca a escola a assumir o papel de: promover a transformação social; reconhecer a influência da ideologia e do capitalismo; exercer a responsabilidade de instigar a emancipação dos sujeitos; buscar a libertação dos oprimidos; incentivar a conscientização, a criticidade dos indivíduos e a problematização para romper com a educação tradicional e bancária.

As Teorias Críticas do currículo surgem em contraposição às abordagens das teorias tradicionais ressaltando a responsabilidade do *status quo* pelas desigualdades sociais e o currículo como resultante de uma construção social. Nesse cenário, como marcos principais da teoria crítica do currículo, de acordo com Silva (2024, p. 30), podem ser referenciadas as contribuições de

- 1970 – Paulo Freire, *A pedagogia do oprimido*.
- 1970 – Louis Althusser, *A ideologia e os aparelhos ideológicos de estado*.
- 1970 – Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, *A reprodução*.
- [...]
- 1976 – William Pinar e Madeleine Grumet, *Toward a poor curriculum*.
- 1979 – Michael Apple, *Ideologia e currículo*.

As Teorias Pós Críticas propõem uma discussão sobre a concepção de identidade cultural e social. Trazem uma visão multiculturalista de currículo, válida a importância da identidade, diversidade, subjetividade, raça, etnia, entre outros aspectos. A influência da dominação capitalista e econômica continua ainda sendo considerada, embora não com tanta ênfase, mas não se restringem a apenas a esses aspectos, pois conforme Silva (2024, p. 146) o poder, também está presente “[...] nas relações de gênero, etnia, raça e sexualidade”. Como contribuições das Teorias Pós Críticas, Ribeiro (2016, p. 292) sinaliza “[...] Silva (2000, 2010), Corazza (2001; 2008); Gallo (2010) [...]” entre outros autores.

Embora as teorias Críticas e Pós Críticas busquem essa amplitude do olhar sobre o currículo, combatendo as concepções tradicionais, notam-se dificuldades em trazer essas mudanças para as práticas educacionais.

Conforme Silva (2024, p. 147):

Áskesis, v. 14, nº. 01, p. 139-158, Janeiro-Junho, 2025
ISSN: 2238-3069 / DOI: 10.14244./2238-3069.2025/08



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

[...] Na teoria do currículo, assim como ocorre na teoria social mais geral, a teoria pós-crítica deve se combinar com a teoria crítica para nos ajudar a compreender os processos pelos quais, através de relações de poder e controle, nos tornamos aquilo que somos. Ambas nos ensinaram, de diferentes formas, que o currículo é uma questão de saber, identidade e poder.

Com essas reflexões, tem-se o intuito, provocar a discussão sobre o currículo, que possa reverberar nas práticas educacionais, subsidiadas pelas leis e demais documentos legais que respaldam e “regulam” o currículo oficial, mas também, deve ser validado no currículo real, vivenciado nos diversos contextos escolares, atendendo às realidades de cada ambiente educacional, sem ignorar a relação de poder, que não está apenas centrado no Estado, mas em toda parte e multiforme.

A partir dessa concepção, tem-se como objetivo apresentar uma reflexão crítica sobre o Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade, além de mostrar a relevância do resgate da identidade, valorização da inclusão e respeito às diferenças. Pretende-se, também, validar a importância da (auto)formação constante e continuada, de forma a buscar: atender às necessidades dos sujeitos e dos coletivos presentes nas escolas; respeitar as identidades e diversidades, estimulando a emancipação dos sujeitos; favorecer o desenvolvimento científico, acadêmico, e demais literacias, além da validação da cultura digital; combater toda prática de preconceito e ideologias discriminatórias e de manutenção da hegemonia dominante.

Dessa forma, busca-se um currículo que, valorize uma educação autêntica que “[...] não se faz de A para B, ou de B para A, mas de A com B, mediatizado pelo mundo [...]” (Freire, 2024, p.116), assim, questionar e lutar por um currículo inclusivo e que atenda as demandas da comunidade e dos sujeitos que a constituem em suas diversidades, torna-se fundamental.

Diversidade e Currículo: um breve comentário a partir das Leis

Segundo Gomes (2007, p. 18):

[...] A diversidade é um componente do desenvolvimento biológico e cultural da humanidade. Ela se faz presente na produção de práticas, saberes, valores, linguagens, técnicas artísticas, científicas, representações do mundo, experiências de sociabilidade e de aprendizagem [...].



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

Nesse contexto, a discussão sobre o currículo e diversidade necessita estar presente no currículo, não apenas como tema transversal, mas como um direito. Além disso, falar sobre o currículo e diversidade remete a necessidade de verificar o que as leis vigentes buscam assegurar para que esse currículo atenda as demandas da sociedade, pois as leis revelam a luta do povo e dos movimentos sociais, almejando a vigência de uma democracia que promova a igualdade e o respeito à diversidade, entre outros direitos.

Diante disto, faz-se menção de algumas leis que contemplam a relevância da diversidade no currículo e nos contextos educacionais, para tanto, a base de referência é a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96) (Brasil, 1996) a partir da qual se destacam alguns artigos.

O artigo 26 ressalta o compromisso dos currículos desde a educação infantil ao ensino médio, garantir uma base nacional comum, e a necessidade de se ter uma parte diversificada, considerando as “[...] características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos” (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) (Brasil, 2013).

No artigo 26-A, na Redação dada pela Lei 10.639/03 (Brasil, 2003) se obteve um grande marco na luta pela diversidade no currículo, ao tornar “[...] obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”, constituindo-se uma alternativa de reparação social devido aos graves danos causados ao povo negro, desde o período da escravidão. A Lei 10.639/03 representou uma política de ação afirmativa, que busca ir além da inserção do conteúdo no currículo, mas uma busca da valorização da cultura e da identidade da população negra, em combate a ideia de supremacia racial que vigorou por muito tempo. Na Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008 (Brasil, 2008) passou a abranger a obrigatoriedade do “[...] estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”, para tentar reparar além das marcas que sofreram com a escravidão dos povos negros, os danos causados pela colonização nos povos indígenas, ressaltando a importância desses povos.



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

Já no artigo 28 que trata da “[...] oferta de educação básica para a população rural [...]”, apresenta considerações sobre demandas de ajustes necessários para se atender ao campo diverso da população rural, onde orienta que os “conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos das escolas do campo, com possibilidade de uso, dentre outras, da pedagogia da alternância;” (Redação dada pela Lei nº 14.767, de 2023) (Brasil, 2023), ressalta-se, a necessidade da realização de ajustes para atender as especificidades do ambiente rural, pois cada povo e região precisam ser contemplados no currículo, de forma a respeitar e validar as diversidades.

Por fim, dando continuidade às exigências para se atender ao campo da diversidade no currículo, a LDB 9394/96 faz referência ao artigo 59, que relata a necessidade de garantir um currículo que atenda e inclua os “[...] educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) (Brasil, 2013), trazendo à baila a necessidade de adaptação curricular às demandas dos coletivos da deficiência, ampliando a discussão acerca da inclusão.

Vale ressaltar que, embora a LDB 9394/96 retrate em seus artigos os direitos a um currículo que: respeite as diferenças e a diversidade; assegure o estudo da história e cultura afrobrasileira e indígena; atenda às necessidades regionais, rurais e do campo, e inclua as pessoas com deficiências, entre outros aspectos, as práticas muitas vezes, ainda estão distantes do esperado, sendo um desafio ainda presente no século XXI.

Por sua vez, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017, p. 11), também faz menção a respeito das diferenças ao ressaltar que “[...] as competências e diretrizes são comuns, os currículos são diversos [...]”, sendo importante considerar: a igualdade - ao valorizar as “singularidades” de cada um; a equidade, por “[...] reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes” (BNCC, 2017, p. 15), além de acolher e valorizar a “[...] diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza” (BNCC, 2017, p. 10).

Em consonância com o que é orientada pela BNCC, a diversidade necessita estar presente e ser respeitada no currículo. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

Estatística (IBGE, 2022a), o Brasil possuía 203 milhões de habitantes, e dessa totalidade, 1,3 milhão de pessoas se identificam como quilombolas, ou seja, 0,65% da população brasileira. 1,7 milhões de pessoas se identificam como indígenas (cerca de 0,85% da população do país).

De acordo com o IBGE (2022b), considerando o aspecto cor e raça, evidencia-se que: 88.252.121 pessoas se identificam como brancas; 20.656.458 pessoas se identificam como pretas; 850.130 pessoas como amarelas; 92.083.286 como pardas e 1.227.642 pessoas como indígenas.

Esses dados mostram a diversidade presente no Brasil e, além disso, revela que muitos ainda não se aceitam como negro, sendo a identificação com a cor parda a de maior quantitativo apresentada, conforme “[...] aponta pesquisa Datafolha. Enquanto 40% dos pardos se consideram negros, 60% afirmam que não se veem como tal [...]” (Damasceno, 2024, p.1). Esses dados demonstram o quanto a escola e seu currículo precisam trazer à discussão os debates sobre a identidade, subjetividade, diversidade, raças, etnias, entre outros temas que auxiliem na formação cidadã e auto aceitação dos sujeitos.

No IBGE (2022b), também, retrata que das pessoas de 25 anos ou mais com nível superior completo, 27,1% são brancos e 12,6% são pretos e pardos, o que demonstra, mais uma vez, a necessidade do currículo atender as diversidades para que todos tenham as mesmas oportunidades, seja no acesso à Educação Básica, Educação Superior, Pós Graduação, ou em qualquer área que objetive alcançar.

Dessa forma, é importante refletir sobre as seguintes contribuições e provocações sobre a educação como potencializadora da transformação social, possibilitando a valorização do coletivo e da diversidade (Guimarães, 2023). Sobre esse aspecto, conforme Oliveira (2023), a escola não gera transformação sozinha, outros espaços, também, são importantes e responsáveis pela transformação social e combate às práticas de racismo. No entanto, a escola tem potencial de favorecer práticas de combates e discussões que podem reverberar na sociedade na luta pela causa antirracista.



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

Outra reflexão pertinente, trata-se sobre a necessidade de promover a educação antirracista com ações e práticas em combate as injustiças e desigualdades sociais, visando reparar os danos causados na população negra, buscando, assim, fortalecer a identidade e a autoaceitação do negro, afim de evitar a perpetuação do racismo nas futuras gerações (Oliveira, Silva & Abreu, 2023).

Com essa visão da relevância da educação e do currículo que atenda a diversidade, que seja antirracista, emancipador, libertador, busca-se desenvolver práticas e formações que promovam o debate e a discussão sobre essas demandas, para que elas possam reverberar nos contextos educacionais e propagar na sociedade como um todo. Além disso, poder utilizar as tecnologias e as inovações de forma integrada ao currículo a favor dessa transformação social e inclusiva.

A Integração das Tecnologias no Currículo: Desafios e Avanços

As novas gerações estão cada vez mais conectadas. A escola, por sua vez, necessita fazer uso de novas metodologias e a integração das tecnologias, tornando o ensino mais dinâmico e atrativo, para motivar os alunos, aumentar a participação e o engajamento dos mesmos para favorecer a construção do conhecimento.

De acordo com Sales (2018, p. 81):

[...] compreende-se a tecnologia como processo que constitui o homem enquanto ser ativo e criativo, condição pela qual o ser humano amplia as possibilidades de utilização e transformação de si e dos recursos materiais e imateriais, a partir daquilo que o contexto, a natureza, a sociedade e sua capacidade intelectual e social lhe dispõem para resolver problemas e propor estratégia e dinâmicas de superação de suas limitações quaisquer que sejam elas.

Essa concepção de tecnologia emerge a partir de uma perspectiva filosófica e antropológica. Dessa forma, a tecnologia é um processo intrínseco ao desenvolvimento humano, funcionando como uma condição para a ampliação e adaptação das condições materiais e imateriais da vida e da sociedade.

No entanto, como integrar as tecnologias no currículo? Conforme Scherer & Brito (2020, p. 8):

No processo de integração, o olhar não está na tecnologia digital em si, mas para o processo de aprendizagem de cada aluno, que pode ser favorecido ao



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

vivenciar experiências que incorporem a linguagem digital [...]. As tecnologias digitais são incorporadas de maneira habitual e natural ao currículo em ação, sem forçar seu uso, sem ser artificial e obrigatório.

Assim, o currículo representa o principal componente a passar por uma modificação, promovendo no indivíduo o contato com competências e qualidades humanas básicas que vão além do adquirir conhecimento, considerando cada processo como único e, para isso, demanda de metodologias, planejamentos e suportes diversos para atender as especificidades de cada escola.

Desta forma, a partir de tal concepção de currículo é possível colocar em prática uma educação problematizadora, em que os educandos atuam como protagonistas do conhecimento e, em interação com o meio e com a mediação do educador, são desafiados a construir seu conhecimento, desenvolver sua criticidade e criatividade, corroborando com sua compreensão e atuação no mundo (Silva, 2024, p. 60).

Os educadores em uma perspectiva de integração de tecnologias no currículo, mesmo que ainda apresentem desafios e entraves nos seus contextos escolares, podem promover mudanças no processo de ensino e aprendizagem, ressignificando a sua visão sobre currículo e a sua prática educacional. Nessa perspectiva, propõem-se refletir sobre alguns desafios apresentados na integração currículo e tecnologias tendo em vista oportunizar o acesso e o desenvolvimento em prol da diversidade.

Uma pesquisa apontando desafios que encontramos todos os dias no chão da escola: a relação currículo e tecnologias em prol da diversidade

Durante os anos de 2017 a 2018 foi desenvolvido uma pesquisa em parceria com o grupo de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de três escolas públicas na região de Campo Grande – MS e, de acordo com as pesquisadoras Scherer & Brito (2020, p. 20) teve como “[...] objetivo investigar processos de integração de tecnologias digitais ao currículo escolar, identificando desafios e dificuldades que emergem de práticas pedagógicas em processos de integração”. De acordo com a pesquisa foram apontados



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

[...] alguns desafios para a integração das tecnologias no currículo: a proposição de políticas de investimento em infraestruturas mais digitais para as escolas; o investimento em formação inicial e continuada de professores e gestores, de forma contínua, ininterrupta, que oportunizem construir propostas de um currículo inovador e integrado à cultura digital, à cultura local e global, repensando tempos de trabalho de professores, gestores e formadores (Scherer & Brito 2020, p. 20).

Conforme as pesquisadoras, é importante ressaltar sobre a necessidade de se ter políticas públicas que invistam na infraestrutura mínima de tecnologias nas escolas, incluindo acesso à *internet* de alta velocidade, projetores e/ou lousas digitais conectados a *notebooks*, além de um projeto de manutenção das tecnologias, garantindo a disponibilidade de *notebooks* para cada turma, com modelos comerciais de qualidade e durabilidade.

Assim, torna-se fundamental o investimento em políticas públicas, a fim de garantir o que rege a Lei nº 14.533/23, artigo 4º, no inciso 12º, parágrafo único, em que “[...] as relações entre o ensino e a aprendizagem digital deverão prever técnicas, ferramentas e recursos digitais que fortaleçam os papéis de docência e aprendizagem do professor e do aluno e que criem espaços coletivos [...]” (Brasil, 2023).

Nesse contexto de fomentar a aprendizagem digital, Scherer & Brito (2020) por meio desse estudo, relatam a existência de um movimento de adoção das tecnologias em sala de aula mesmo que ainda de forma tímida, em que os alunos e a professora propuseram utilizar o ambiente do *Facebook* para trocas de informações e diálogos compartilhados entre o grupo, a partir da sistematização e utilização de um espaço próprio para essa finalidade.

As devolutivas de uma das professoras comprovam que tal movimento é possível: “[...] tem dias que não são fáceis, porque os alunos vêm com dúvidas que nem eu sei responder, porque a ferramenta também é nova para mim [...] (Profª. de Língua Portuguesa)” (Scherer & Brito, 2020, p. 16).

Outro *feedback* obtido foi referente ao interesse “[...] pelo *Google Docs* (foi criado um *gmail* para as três turmas para acessarem a plataforma). [...] Além do mais, eles podem acessar de qualquer lugar e em qualquer momento pelos seus celulares.” (Scherer & Brito, 2020, p. 16).



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

Scherer & Brito (2020), ressaltam a possibilidade dos educadores e educandos acessar as informações em qualquer espaço e local, resultante de um processo dinâmico e interativo, favorecendo à mudança de perspectiva no contexto escolar, a ressignificação da aprendizagem e a produção por meio da inserção das tecnologias.

Esse movimento promovido pela inserção das tecnologias na sala de aula pode ocorrer através do uso da sala de vídeo com lousa digital e TV, dos *app*, de plataforma digital, dos recursos do *google* (*classroom*, *google* formulário, etc), do uso do celular nos seminários, oficinas, avaliações, campeonatos, gincanas e games e outros recursos digitais. Assim, de acordo com Scherer & Brito (2020) é necessário e urgente para que esse movimento de integração das tecnologias no currículo tenha êxito:

- Romper como o padrão estabelecido pela educação bancária, que ainda se evidencia no currículo atual;
- Modificar a organização da escola, pois em sua maioria, ainda mantém o rigor da estrutura de grade curricular, da sistematização por disciplinas, bimestres, anos escolares, seguindo horários determinados e padrões de formação de turmas, desconsiderando o processo de interação que vai além dos espaços físicos delimitado pelo ambiente escolar.
- Compreender as tecnologias como parte constituinte do currículo, perpassando-o de forma transversal e não como apêndice.
- Viabilizar o acesso a um ambiente tecnológico e digital com infraestrutura adequada, suporte de equipamentos, recursos digitais, materiais e físicos, além de *internet* com boa conexão e acessível a toda equipe escolar.
- Investir em formação continuada para professores e gestores, a fim de viabilizar o uso consciente e funcional das tecnologias, minimizando a resistência na utilização desses recursos no contexto educacional.
- Inserir as tecnologias no Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) da escola e integrado ao currículo escolar.

Acredita-se que simplesmente inserir as tecnologias na escola não é o suficiente para que elas integrem o currículo escolar, façam parte das práticas de professores e



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

melhorem a qualidade da educação, pois as tecnologias “[...] precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente” (Kenski, 2003, p. 46) no cotidiano escolar.

Para Lucena (2016, p. 285), nos cursos de formação inicial de professores, em geral, as tecnologias não estão inseridas no currículo e na “[...] maioria das vezes, são pautadas em uma perspectiva de incluir o professor em um modelo instrumental, preparando-o apenas para utilizar aplicativos operacionais [...]”, por isso demanda o investimento em formações com qualidade, em que a compreensão funcional das tecnologias possam ocorrer de fato e reverberem nas práticas dos educadores.

Conforme Sales (2018, p. 94), embora existam enormes desafios na inserção das tecnologias no contexto escolar, há evidência de alguns avanços, como: “[...] a escola tem sido convocada para um movimento de mudança efetiva a partir do ensino-aprendizagem [...]”; a inclusão tecnológica e alfabetização digital; a integração da tecnologia em geral ao processo educativo; surgimento do educador mediador sempre atualizado e do estudante autônomo; estímulo do raciocínio lógico devido ao uso de games, jogos, e o conviver com a *cibercultura*.

No entanto, de nada adianta uma escola equipada com todos os recursos tecnológicos, acessibilidade à *internet* e estudantes com certo grau de familiaridade com o cenário digital se os professores não demonstram habilidades e domínio das tecnologias, não valorizam a inclusão digital e se negam a abraçar um movimento de mudança que se distancia da educação tradicional bancária onde o alunado é mero receptor e onde o professor se torna um mediador e parceiro do alunado no processo ensino-aprendizagem.

Nesse contexto Silva (2024, p. 150) afirma:

O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia [...] no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.

Em resumo, os desafios das tecnologias no currículo envolvem questões de formação de professores, infraestrutura, uso pedagógico efetivo, avaliação e adaptação constante ao avanço das ferramentas digitais, entre outros aspectos. Superar esses



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

desafios é essencial para que a tecnologia realmente contribua para a melhoria da educação e possibilite um novo currículo. E esse novo currículo integrado às tecnologias torna-se um instrumento transformador no espaço escolar e recurso pedagógico importante na promoção da diversidade, pois assume seu papel social e político.

Nessa perspectiva, como exemplo de prática pedagógica, visando promover um currículo integrado com as tecnologias, tem-se como registro a seguir, o relato de experiência com o letramento digital e introdução à programação, a partir do uso da plataforma *UBBU*.

Letramento digital e introdução à programação: Plataforma UBBU in foco

Uma plataforma digital que atraia a atenção de crianças do 2º ao 5º ano do ensino fundamental I de escolas públicas no Brasil e que educadores de qualquer área consiga se apropriar. Foi assim, com o objetivo de "preparar jovens mentes para o futuro", que educadores portugueses desenvolveram a plataforma de letramento digital *UBBU*, adaptada às diferentes culturas e disponibilizada em várias línguas, trazida para o Brasil por Fernando Chacon (ex Banco Itaú), Carlinhos Brown (cantor, compositor e multi-instrumentista), e mais dois sócios.

Em 2020 a plataforma foi "tropicalizada", com o conteúdo sendo adaptado e também remasterizado com voz e locução de Carlinhos Brown. Foram criadas equipes de implementação para capacitar diretores e pedagogos, além do núcleo de apoio aos professores brasileiros. Neste mesmo ano tentou-se implantar o projeto de educação digital no currículo das escolas municipais da capital baiana, que por conta da pandemia não alcançou toda a rede, mas, chegou a 20 escolas e alcançou mais de 3.000 estudantes.

Com o retorno das aulas no ano de 2022, foram distribuídos *tablets* para os estudantes e *chromebooks* para os professores para o início do ano letivo de 2023. Mais uma vez o projeto não se concretizou por várias barreiras, algumas destas já sinalizadas neste artigo pela pesquisa de Scherer & Brito (2020), como por exemplo, acesso à *internet* com baixa velocidade, conexão ruim, falta de formação continuada dos professores, além do uso inadequado do *chip* de dados móveis inclusos nos *tablets*,



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

quebras e constante esquecimento em casa, uso do aparelho por familiares, falta de tomadas suficientes para carregar as baterias, falta de manutenção efetiva dos aparelhos, dentre outras dificuldades.

Por todas as situações impeditivas de implantação do projeto, mudou-se totalmente a estratégia para o ano letivo de 2024. Foram distribuídos a cada professor (a), um *modem* e para uso dos alunos, *chromebooks* com carregadores que ficam guardados na escola dentro de um carrinho móvel. Assim, avançou-se e finalmente as aulas começaram a acontecer, ainda com a dificuldade do acesso à *internet* de qualidade permanecendo e tomando grande parte do tempo da aula.

Após ficar afastada por mais de dois anos da sala de aula por problemas de saúde, a professora de educação física do quadro efetivo da Prefeitura de Salvador, Leiliane, observou a dificuldade de seus colegas em ministrar aulas de letramento digital por conta das barreiras já citadas anteriormente. Começou então, a se aproximar dos conteúdos da plataforma.

Transferida para uma nova escola, onde existe uma sala de recursos audiovisuais, local onde no turno matutino acontecem também as aulas de letramento digital, percebeu que os estudantes do turno vespertino não eram contemplados com acesso à plataforma, devido a escola não dispor de um professor com conhecimento para mediar às aulas. Ao perceber essa lacuna, “[...] vou me aproximando cada dia mais para adquirir os conhecimentos necessários e me ofereço a gestão da escola para assessorar os colegas e as turmas do turno vespertino, o que foi aceito de imediato” (Leiliane, 2024).

As aulas da plataforma são baseadas no ensino da introdução à computação e à programação, através de jogos com uma *interface* e personagens inspirados no jogo *minecraft*, aos alunos da rede municipal de Salvador, do Ensino Fundamental I, que acessam a plataforma com um *login* formado por um *email* institucional e senhas individuais. Após duas semanas de observação das aulas do turno matutino, “[...] organizei um cronograma com horários disponibilizando uma aula semanal, com duração de 1 hora em média, para cada turma da tarde e suas professoras poderem dar início ao acesso à plataforma” (Leiliane, 2024).



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

Na primeira aula foi apresentado o aparelho *chromebook*, explicitado o nome, a utilidade de cada componente e os cuidados necessários para a boa conservação do mesmo. Muitos dos jogos dos quais a professora ainda não tinha tido acesso e os alunos já tinham avançado em anos anteriores, eles mesmos ensinavam a professora, e posteriormente, ela passava, tanto a outros alunos como a colegas de trabalho, num aprendizado mútuo e contínuo, conforme a orientação da LDB 9394/96, tratada no início deste artigo.

Nas primeiras aulas, alguns professores, por ainda não compreenderem os objetivos do letramento digital no desenvolvimento dos alunos, não compareceram ao horário reservado para suas turmas. Foi preciso um trabalho junto com o grupo gestor da escola de conscientização sobre a relevância dos conteúdos das aulas da plataforma *UBBU* e a importância deste recurso pedagógico de: capacitar e empoderar professores de qualquer área, já que os jogos trabalham conteúdos variados; melhorar o raciocínio lógico; cuidados com o meio ambiente; resolução de problemas; inclusão digital; e o desenvolvimento da criatividade.

A perspectiva do trabalho realizado com a plataforma *UBBU*, embora seja voltada para inclusão digital e tenha promovido a ampliação do conhecimento dos estudantes, permitiu vivenciar práticas inclusivas e do respeito à diversidade, à medida que, favoreceu o envolvimento dos educandos com deficiências de forma atrativa nos ambientes virtuais tendo a mediação dos educadores da unidade escolar e o suporte da professora Leiliane. Nas práticas realizadas, os alunos mais avançados iam se tornando monitores, auxiliando aqueles com mais dificuldades, sendo oportunizado, nesse contexto, conviver e respeitar as diferenças, pois as atividades de interação, e os jogos sejam tecnológicos ou não, permitem a interação e a empatia, as trocas entre os pares, o compartilhamento de experiências e de aprendizados.

Ao final do ano letivo, ao avaliar a trajetória dos alunos e dos educadores foi possível perceber que, muitas das barreiras e limites que poderiam ter impactado na continuidade do acesso ao letramento digital foram rompidas (até utilizar recursos como o *modem* pessoal para rotear a *internet* para os alunos, quando esta não estava



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

disponível). Também houve mais interação e cooperação entre os alunos com os monitoramentos, e no próximo ano letivo o caminho a ser percorrido será de buscar parcerias para o pleno desenvolvimento dos alunos em todas as áreas do conhecimento, inclusive na digital, promovendo uma educação cada vez mais inclusiva e diversa.

Considerações Finais

Ao longo deste artigo, explorou-se o conceito de currículo como uma tecnologia para a diversidade, destacando sua importância na promoção de uma educação que pense de forma ampla a diversidade e que possibilite a inclusão de diferentes perspectivas culturais, raciais, étnicas, sociais, entre outras.

A partir dos estudos e relatos de experiências compartilhados, buscou-se fomentar a reflexão sobre o Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade, sendo possível perceber a existência de leis e pesquisas que buscam validar esse olhar sobre o currículo, dando ênfase a uma proposta curricular em que a formação aconteça na e para a diversidade, respeitando as diferenças e dando visibilidade e relevância aos sujeitos que muitas vezes foram silenciados pela sociedade e pela cultura hegemônica.

Além disso, nota-se que apesar das leis vigentes assegurarem a inclusão, o respeito à diversidade, e a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afrobrasileira e indígena, verifica-se que na prática, ainda é algo distante, necessitando de políticas públicas e de investimento em formação inicial e continuada dos educadores, que viabilizem seu cumprimento e promovam o pensar e a mobilização educacional, tendo em vista que essas discussões venham reverberar nas práticas escolares e sociais.

A educação como um instrumento de transformação social, tem seu papel fundamental em fomentar o debate e estudo sobre a diversidade, buscando vivenciar um currículo que seja emancipador, libertador, inclusivo, e que possibilite o desenvolvimento da aprendizagem, autonomia, criticidade e protagonismo de seus estudantes. Além disso, nota-se a importância desse currículo viabilizar o acesso ao desenvolvimento da competência digital e tecnológica dos educandos, para que não



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

continuem marginalizados tecnologicamente e, de certa forma, excluído, da sociedade globalizada, que cada vez mais demanda conhecimentos e capacidades novas.

Além disso, por meio dessa pesquisa, foi evidenciado como a tecnologia que está presente em todo processo criativo e de transformação dos recursos por meio da ação humana, pode ser utilizada para a construção de um currículo mais inclusivo, em que sejam vivenciadas experiências que integrem a linguagem digital, possibilite a criação e adaptação de espaços, recursos, estratégias, potencializando o acesso a uma rede de informação e de interatividade, em diferentes formas de conexões, permitindo ressignificar as aprendizagens construídas nos contextos educacionais.

Essa pesquisa diferencia-se ao buscar correlacionar as análises teóricas aos relatos de experiências vivenciadas envolvendo o uso da tecnologia e a diversidade. Nos relatos de experiências compartilhados, notam-se muitos benefícios que a integração das tecnologias traz ao currículo, tais como: o acesso às informações diversas; o uso de ferramentas e outros aplicativos; a interatividade; a possibilidade de conhecer e explorar novas experiências; a velocidade da comunicação em tempo real e virtual; o desenvolvimento da competência e da cultura digital; a atratividade e tantas outras vantagens.

No entanto, evidenciam-se ainda os desafios como: pouco investimento na formação inicial e continuada dos educadores; falta de investimento em políticas públicas; na melhoria das infraestruturas; dificuldades de acesso à *internet* e outros recursos tecnológicos; resistência de alguns educadores em adequar as práticas curriculares adotadas, entre outros aspectos. Sendo assim, superar esses desafios é essencial para que a tecnologia realmente contribua para a melhoria da educação e possibilite um novo currículo. Nesse sentido é necessária uma ressignificação sobre a visão que se tem sobre currículo que precisa ser entendido por toda comunidade escolar.

Dessa forma, essa pesquisa favoreceu a compreensão da relevância de viabilizar a prática de um currículo como tecnologia de formação na diversidade, buscando apoiar-se nos estudos realizados neste artigo, destaca-se a necessidade da inclusão educacional, do respeito à diversidade, do investimento em formação e na integração das



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

tecnologias ao currículo, a fim de que, os estudantes possam ter acesso e desenvolvam competências para atuar de forma crítica e criativa na sociedade.

Referências

Brasil. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Diário Oficial da União: Brasília: Casa Civil, 23 dez. 1996. Disponível em: [Planalto](#). Acesso em: 10 nov. 2024.

Brasil. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Brasília: Diário Oficial da União, 10 jan. 2003. Disponível em: [Planalto](#). Acesso em: 21 abr. 2025.

Brasil. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Brasília: Diário Oficial da União, 11 mar. 2008. Disponível em: [Planalto](#). Acesso em: 21 abr. 2025.

Brasil. **Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013**. Brasília: Diário Oficial da União, 05 abr. 2013. Disponível em: [Planalto](#). Acesso em: 21 abr. 2025.

Brasil. **Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023**. Brasília: Diário Oficial da União, 11 jan. 2023a. Disponível em: [Planalto](#). Acesso em 21 de abr. 2025.

Brasil. **Lei nº 14.767, de 22 de dezembro de 2023**. Brasília: Diário Oficial da União, 22 dez. 2023. Disponível em: [Planalto](#). Acesso em 21 de abr. 2025.

Brasil. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

Caseff, Gabriela. Ex-executivo do mercado financeiro aposta em plataforma de educação digital para crianças. [Folha de São Paulo](#), 2021.

Damasceno, Victoria. 6 em cada 10 pardos não se consideram negros, diz Datafolha. [Folha de São Paulo](#). 2024. Acesso em: 10 mar. 2025.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 88^a Ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

Gomes, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica, 2007.

Guimarães, Agnes. Educação antirracista e legado de Marielle Franco fortalecem participação política da juventude. [Porvir](#), 31 de mar. de 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama**. Rio de Janeiro: [IBGE](#). 2022a. Acesso em 10 mar. 2025.



Currículo como Tecnologia de Formação na Diversidade: reflexões e experiências

Alice Maria Alves Oliveira dos Santos, Leiliane Felício da Silveira & Lucineide Santos Vieira

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Painel cor ou raça no Brasil**. Rio de Janeiro: [IBGE](#), 2022b.

Kenski, Vani Moreira. **Tecnologias de ensino presencial e a distância**. São Paulo: Papirus, 2003.

Lucena, Simone. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**. n. 59, p. 277-290, 2016.

Oliveira, Ruan. Porque formar docentes para uma educação antirracista? [Porvir](#), 22 de nov. de 2023.

Oliveira, Ruan; Silva, Regiany & Abreu, Ronaldo. Infográfico: Os vinte anos da Lei 10.639. [Porvir](#), 24 de fevereiro de 2023.

Ribeiro, Márden de Pádua. Teorias Críticas e Pós-Críticas: pelo encontro em detrimento do radicalismo. **Movimento - Revista de Educação**, v. 3, n. 5, p. 284–313, 2016.

Sacritán, José Gimeno. **O currículo. Uma reflexão sobre a prática**. Trad. Ernani Rosa. 3ª Ed. - Porto Alegre: Ed. Artmed, 2000.

Sacristán, José Gimeno (Org.). **Saberes e incertezas sobre currículo**. Trad. Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2013.

Sales, Mary V. S. As Tecnologias no contexto educativo: perspectivas de inovação e de transformação. *In*: Sales, Mary V.S. (Org.) **Tecnologias e Educação a Distância: os desafios para formação**. Salvador: Eduneb, 2018, p. 79-102.

Scherer, Suely & Brito, Glaucia. Integração de tecnologias digitais ao currículo: diálogos sobre desafios e dificuldades. **Educar em Revista**, v. 36, e76252, 2020.

Silva, Tomaz Tadeu da. **Documento de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª Ed. / 16ª Reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

UBBU Teck4Kids. Disponível em: [Teck4Kids](#). Acesso em: 02 dez. de 2024.